

# **A IGREJA POTIGUARA: A saga dos índios protestantes no Brasil Holandês.**<sup>1</sup>

**Francisca Jaquelini de Souza Viração**<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Este artigo aborda a saga dos índios da tribo potiguara que foram evangelizados pelos ministros reformados holandeses durante o Brasil Holandês (1630 – 1654). Destacando principalmente a atuação dos regedores Pedro Poty e Antônio Paraupaba, a sua relação com os holandeses, sua importância para a governabilidade dos flamengos e atuação na expansão do evangelho reformado na América.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tribo Potiguara, Brasil Holandês, Protestantismo.

## **ABSTRACT**

This article is about the story of Indians by Potiguara Nation who were Reformed Christians during the period of Dutch Brazil (1630 – 1654). The dutch ministries to teach the Christian doctrine for the Indians. Two Indians, Pedro Poty and Antônio Paraupaba were the best important for Dutch government and reformed gospel in America.

**KEY WORDS:** Potiguara Nation, Dutch Brazil, Protestantism.

## **INTRODUÇÃO**

O Censo 2000 do IBGE revelou que o Brasil tem aproximadamente 26 milhões de protestantes, estimativas para o Censo 2010 é de que este número cresça para 35 a 40 milhões. O número tão grande de protestantes no Brasil fez surgir nos últimos anos inúmeras pesquisas sobre o protestantismo brasileiro, a grande maioria

---

<sup>1</sup> Trabalho resultante de artigo para graduação em História pela Universidade Regional do Cariri.

<sup>2</sup> Graduada pela Universidade Regional do Cariri e atualmente leciona História na Escola de Ensino Médio Maria Emília de Lima Pinho em Acopiara-CE. E-mail: [jackhistory@gmail.com](mailto:jackhistory@gmail.com).

delas temporalizando seu objeto de estudo do século XIX para os dias atuais, mas o protestantismo brasileiro é muito mais antigo do que se pensa.

A primeira entrada do evangelho reformado em nosso país foi em 1557 durante a França Antártica. Em 9 de março de 1557 foi realizado o primeiro culto das Américas, mas sem a presença de brasileiros, apenas franceses. Os franceses tinham um real projeto de evangelização do Brasil, mas o Fracasso da França Antártica foi o fracasso desse projeto. Somente 80 anos depois um trabalho reformado realmente forte foi realizado no Brasil.

A fé reformada, pouco abordada em estudos sobre o Brasil Holandês, mostrou-se fundamental para a aliança entre índios e holandeses, conseqüentemente para a governabilidade dos mesmos. E é sobre este assunto de que trata o presente artigo, como uma religião pode ser crucial para a governabilidade de um Estado.

## **A IGREJA REFORMADA E O BRASIL**

No período que chamamos de Brasil Holandês (1630 – 1654) houve uma intensa evangelização por parte da Igreja Reformada Holandesa, que era a igreja oficial do Estado Holandês. Estes missionários concentraram seus esforços com mais intensidade na tribo potiguara, muitos potiguaras se converteram à fé reformada se tornando verdadeiros crentes, como Pedro Poty.

A forte evangelização deste povo, a convivência com os holandeses e a inserção em espaços, antes jamais pensados pelos indígenas pode ter criado uma mentalidade protestante nestes índios, mentalidade esta que parece ser inegável quando se observa a documentação produzida por eles.

Quando a Reforma Protestante eclode na Europa ela criará alguns problemas para os próprios protestantes. Tais como se a igreja é unida ao Estado, como ser um protestante sem ser um criminoso? Este problema parece ter sido superficialmente resolvido quando surgem os primeiros Estados Protestantes e protestantes perseguidos em Estados Católicos começam a migrar em massa.

Isto sugere a criação de uma mentalidade bem interessante, a de que uma igreja protestante só sobrevive em um Estado Protestante que a proteja. No Brasil holandês não será diferente. Essa mentalidade parece ter criado uma relação entre etnia/região e religião. É como se quem fosse de um Estado Católico seria católico e de

um Estado Protestante, protestante, e esta relação pode ter criado um conceito de espaço religioso nos índios protestantes do Brasil Holandês.

Talvez o conceito protestante de Igreja, que é de Igreja Universal, ou seja, a igreja é uma comunidade de crentes formada por todos os cristãos do passado, presente e futuro de todos os lugares da Terra que se encontram separados pelo espaço e tempo, mas unidos espiritualmente em Cristo fizesse com que holandeses e índios potiguaras tivessem relações muito mais profundas do que apenas a político-militar. Observa-se isso nitidamente quando é analisado as representações da Antônio Paraupaba, será que a forte mentalidade protestante indígena que se expressa com mais força em sua visão do espaço, não revela uma profunda relação religiosa entre índios e holandeses?

Este conceito de espaço pode ser visto quando se analisa dois documentos produzidos pelo índio potiguar Antônio Paraupaba. Nestes dois documentos Paraupaba exige o socorro holandês aos índios refugiados na Serra da Ibiapaba, CE, depois da rendição holandesa em 1654. Para fundamentar sua petição, este regedor-mor, utiliza como argumento o fato destes índios serem súditos holandeses e membros da Igreja Reformada Holandesa.

A argumentação é produzida através da influência da mentalidade protestante da época que considerava que somente em um Estado Protestante, uma igreja protestante poderia sobreviver e na visão da América como um refúgio seguro às perseguições sofridas na Europa. Têm-se então a criação de um conceito protestante do espaço no Brasil do século XVII.

Compreender como uma mentalidade religiosa pode formar um conceito de espaço é extremamente importante não apenas para entendermos os vários conceitos de espaço construídos ao longo da História do Brasil, mas também para aprofundarmos nossos conhecimentos acerca dos conceitos de cultura e poder.

Índios potiguaras foram legítimos funcionários públicos do Estado Holandês como Antônio Paraupaba, Pedro Poty e Carapeba, líderes militares respeitadíssimos no exército holandês como Domingos Fernandes Calabar (que aqui é visto mais como índio), que em seu funeral recebeu honras militares por parte do exército holandês.

Mas muito mais profundamente nas relações religiosas. Muitos índios foram enviados à Holanda, ao calvinista Seminário de Leiden para se tornarem mestres-escolas e até mesmo pastores. E apesar de poucos, houve sim casamentos entre índios e holandeses. Tudo isto faz-nos perguntar até onde ia à relação entre holandeses e índios

potiguaras, talvez estudando o conceito de espaço formulado por eles através de sua mentalidade protestante cheguemos a alguma resposta.

O Nordeste do século XVII é analisado neste artigo como sendo uma região no sentido geográfico do termo, que contém duas regiões étnicas, o Nordeste Holandês, ou seja, a Nova Holanda, onde os holandeses procuraram estabelecer relações pacíficas com luso-brasileiros e índios, principalmente com os potiguaras. E o Nordeste Português, que fora dominado e durante o período holandês foi subjugado pela região étnica dominante. E região é entendida, segundo o conceito de José D'Assunção Barros, "(...) como uma unidade que apresenta uma lógica interna ou um padrão que a singulariza, e que ao mesmo tempo pode ser vista como unidade a ser inserida ou confrontada em contextos mais amplos..." (BARROS, 2005:98)

Dependendo de que região étnica o indivíduo pertencia ele estabelecia relações espaciais bem definidas. Neste artigo analisaremos apenas as relações entre índios potiguaras e holandeses, estes (os índios) foram inseridos no espaço militar, político, social e principalmente o religioso (MEUWESE, 2003: 461 – 470).

Falo assim, pois entendo que o espaço seja: "...a prática que se dá ao sentido de um lugar, segundo Michel de Certeau e que 'nasce da adoção de posturas, desde corporais até políticas e estéticas. Os espaços são posturas, são posições que se imobilizam por dado tempo, mas que se desfazem num outro momento de cambaleio e de vacilação das forças que sustentaram estas posturas.'" (ALBUQUERQUE, 2008:73)

No século XVII, o Estado era unido à Igreja, e esta união constituía conseqüências muito mais profundas do que costumamos analisar. Segundo Marilena Chauí:

A teoria do corpo político místico também se adapta à idéia jurídica do fundo público (a terra) como domínio e patrimônio régios: a terra (entendida como todos os territórios herdados ou conquistados pelo rei e todos os produtos que neles se encontram ou nele são produzidos) se transforma em órgão do corpo do governante, transmissível a seus descendentes ou podendo ser, em parte, distribuída sob forma do favor. (CHAUÍ, 2000: 83)

Se o território do Estado era o corpo do próprio rei e se o Estado era unido à Igreja, como fica então a situação daqueles que não pertenciam à religião do rei, neste caso os protestantes? Lutero buscou uma solução quando afirmou a doutrina do

Revista Historiar, ano II, n. I (2010)

Sacerdócio Universal. Logo surgiram na Europa Estados Católicos e Protestantes, os protestantes perseguidos em Estados Católicos então migraram para Estados Protestantes, onde tinham liberdade de culto, acredito que isto criou uma relação entre região/etnia e religião e esta relação criou uma mentalidade de que uma igreja protestante só poderia existir em um Estado Protestante que a protegesse, na Holanda essa mentalidade era muito mais forte, pois o próprio país como Estado surge de uma luta político-religiosa contra a Espanha (SCHALKWIJK,2004: 383 – 384). E essa mentalidade cruzou o Atlântico e se fez presente no Brasil Holandês. Este conceito, o de mentalidade, é entendido segundo a fórmula de R. Mandrou, ou seja, como as estruturas mentais que são “(...) constituídas pelas visões de mundo herdadas de um passado remoto e reconhecidas por certos grupos, ou até mesmo por toda a sociedade global” (ARIÈS In LE GOFF, 2005:225).

Com a evangelização indígena os pastores holandeses influenciaram os índios, principalmente os potiguaras a terem uma visão de mundo muito parecida com a deles, já que apesar dos índios terem seus próprios interesses ao se aliarem aos holandeses, aqueles que se converteram à fé reformada se mostraram verdadeiros crentes, como afirma Ribas nesta análise que faz da vida de Felipe Camarão e Pedro Poty:“Diferentemente de seu primo, que titubeava ante as relações luso-brasileiras e neerlandesas, Poti manteve-se irredutível até o final. Difícil sonda-lhe mais intimamente as causas. Seja como for, em nome de uma fé ou de uma estratégia, o fato é que Poti não era mais um católico. Ele era um reformado.” (RIBAS, 2007: 208)

Com a Restauração a sua região étnica já não existia mais e com ela também se foram os espaços em que estavam inseridos. O que fazer? Os potiguaras não se reconheciam dentro da região étnica portuguesa, buscaram então amparo onde se reconheciam, na República Holandesa. Eles eram súditos do mesmo príncipe e filhos do mesmo Pai.

Poty morreu por sua fé, mas também por seu povo (RIBAS, 2007: 208). Paraupaba cruzou um oceano em busca de seus irmãos de fé para salvar sua gente, os índios da Serra da Ibiapaba se refugiaram dos padres, mas também da espada portuguesa. Estes índios viveram e morreram por um sonho: o da sobrevivência e optaram estar do lado daqueles que julgaram dar-lhes a vida.

E ao entrar em contato com esses, lhes apresentaram uma fé libertadora, da qual teriam a opção de aceitar ou não, e liberdade é tudo o que um povo subjugado quer ouvir. A busca pela sobrevivência forçou a escolha, mas foi a fé que selou a aliança.

## A MENTALIDADE PROTESTANTE DOS ÍNDIOS POTIGUARAS

**1) o conceito que uma igreja protestante só poderia sobreviver em um Estado Protestante.** Para a implementação da França Antártica, Villegaignon recorre a políticos reformados franceses, o argumento que ele usou para convencê-los foi “que seu veemente desejo e mais forte empenho era procurar um sítio de repouso e tranqüilidade, onde pudesse estabelecer os perseguidos em França por causa do evangelho.” (CRESPIN, 2007: 26)

**2) A visão da América como um refúgio.** E Jean de Léry nos confidencia que além de um lugar seguro para a igreja Villegaignon prometeu fazer da França Antártica um refúgio: “manifestou a vários personagens notáveis do reino o desejo, que de há muito alimentava, não só de retirar-se para um país longínquo onde pudesse livremente servir a Deus, de acordo com o evangelho reformado, mas ainda preparar um refúgio para todos os que desejassem fugir às perseguições.” (LÉRY, 1967: 27)

**3) A supervalorização do mártir.** No clássico O Peregrino, John Bunyan ao retratar o martírio de Fiel na Feira da Vaidade o coloca na posição de herói, que parece ser o destino dos mártires. “Que doces cantos ouvi eu de Cristão, enquanto caminhava! ‘Grande foi a tua felicidade no Senhor, meu bom amigo Fiel’, dizia ele...Bendize a Deus, amigo Fiel, e canta: teu nome será eterno, porque vives, apesar de te haverem morto.” (BUNYAN 2004: 146)

Vemos como esta mentalidade é presente na documentação produzida pelos potiguaras. 1) Paraupaba busca auxílio na Holanda por que o Estado Holandês era protestante como aqueles índios eram.

Portanto confiamos firmemente que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> ( que sempre se mostraram como verdadeiros pais e defensores dos oprimidos e desamparados, e sinceros paladinos da verdadeira Igreja de Deus) mandarão o mais depressa possível para lá o socorro suficiente para a subsistência da infeliz nação dos Brasilianos e para a conservação da Igreja Cristã Reformada, a única verdadeira. ( HULSMAN, 2006: 53)

2) Paraupaba vê a Serra da Ibiapaba como o refúgio potiguara. “Sendo por isso o suplicante enviado a V<sup>a</sup>.Ex<sup>a</sup> por esta nação que se refugiou com mulheres e crianças em Cambressive no sertão além do Ceará, a fim de escapar aos ferozes massacres dos Portugueses...” ( HULSMAN, 2006: 52)

3) Em sua representação aos Estados Gerais holandeses, Paraupaba apresenta Pedro Poty como um mártir:

Que ele, um indigno, tendo, por uma mercê não merecida e incompreensível, reconhecido a Deus e ao Pai de todas as graças na verdadeira religião, a Reformada, que tinha a certeza de ser não só a verdadeira, mas a única aprazível a Deus, e que estava resolvido a não abandoná-la nem na vida e nem na morte. (HULSMAN, 2006: 59 – 60)

Esta mentalidade forjou um conceito de espaço religioso que é percebido nas Representações de Antônio Paraupaba e na documentação potiguara. 1) o conceito que uma igreja protestante só sobrevive em um Estado protestante sugere a criação de uma relação região/etnia e religião. Pedro Poty parece não diferenciar a etnia de religião. Em sua carta a Felipe Camarão, Poty usa o argumento que Felipe luta ao lado dos portugueses por que é católico:

Sou christão e melhor do que vós: creio só em Christo, sem macular a religião com idolatria, como fazeis com a vossa. Aprendi a religião christã e a pratico diariamente, se vós a tivésseis aprendido, não serviríeis com os perfidos e perjuros portuguezes, que apesar das promessas do rei e do juramento feito por elle, depois de roubarem os bens dos Holandezes, vêm atacar traiçoeiramente a esses e a nós mesmos; mas hão de receber o castigo de Deus. (MAIOR, 1912: 66)

2) o espaço do refúgio. A região étnica da qual eles pertenciam já não existia mais, e nem os espaços em que estavam inseridos. Agora a Serra era o seu refúgio, eram refugiados em sua própria terra. “Ele apresentou e mostrou o estado triste... em que se encontra essa nação fiel..., pedindo humildemente assistência e

Revista Historiar, ano II, n. I (2010)

ajuda.” (HULSMAN 2006: 54) 3) a supervalorização do mártir. Paraupaba apresenta Poty, não como um grande guerreiro, mas como um mártir e ele faz essa apresentação citando-o como um exemplo de fidelidade dentre outros da nação brasileira.

Paraupaba é genial ao citar a parábola dos talentos. Se os holandeses não dessem o socorro “difícilmente se justificaria perante o Grande e Todo Poderoso Deus, que é contra os que enterram a sua libra com medo de a colocar na usura.” ( HULSMAN 2006: 53). Primeiro ele fala da fidelidade da Igreja Filha e depois traz à responsabilidade a Igreja Mãe. Para Paraupaba mais do que súditos do mesmo Estado, potiguaras e holandeses eram membros da mesma Igreja, que para ele era eterna e transcultural, ele usou intensamente a doutrina de Igreja Universal:

Cremos e confessamos uma só igreja católica ou universal. Ela é uma santa congregação e assembléia dos verdadeiros crentes em Cristo. Esta igreja existe desde o princípio do mundo e existirá até o fim. (...) A santa igreja também não está situada, fixada ou limitada em certo lugar, ou ligada a certas pessoas, mas ela está espalhada e dispersa pelo mundo inteiro. Contudo, está integrada e unida, de coração e vontade, no mesmo Espírito, pelo poder da fé. ( CONFISSÃO DE BÉ BELGA,2005:25 - 26 )

Pela análise desses documentos tudo leva a crer que Paraupaba via o mundo com os olhos de sua mentalidade religiosa, seu espaço era religioso. Ele não vê mais seu país como a terra de seus ancestrais, mas se sente um refugiado em sua própria terra, não vê Pedro Poty como um grande guerreiro, mas como um mártir, vê seu próprio povo como parte da Igreja Universal de Cristo e a ele mesmo como um pobre cristão em busca de justiça.

## **PEDRO POTY, O PRIMEIRO MÁRTIR PROTESTANTE BRASILEIRO**

Pedro Poty é um daqueles homens que despertam paixões e ódios, sua história ainda é muito pouco conhecida pela historiografia brasileira, apesar de sua vida estar intimamente ligada com nossa história. Estudá-lo é quase como embarcar em um romance de aventura ala Spillberg.



Em prováveis 34 anos de vida, ele passou a infância na Paraíba, a juventude na Holanda, onde recebeu a melhor educação holandesa em seu período áureo, volta para o Brasil ainda jovem para se tornar líder de sua tribo, os potiguaras. Guerreiro respeitado tanto pelos potiguaras quanto pelos holandeses, participa da Campanha da Angola, quando os holandeses conquistam esse território dos portugueses, morre com status de herói e de mártir. Foi uma espécie de diplomata, militar, líder político e religioso. Um homem cuja vida merece ser conhecida.

Quando a frota do comandante holandês Boudewyn Hendricksz aportou na Baía da Traição na Paraíba em 1625, levou para a Holanda algo que não vieram buscar no Brasil: índios da tribo potiguara. Hendricksz viera ao Brasil para servir de apoio aos holandeses que há um ano estavam na Bahia, na primeira tentativa de colonização batava do Brasil. Sua parada na Paraíba foi para reabastecer sua frota.

Os índios trataram os flamengos muito bem e pediram para embarcar rumo a Holanda com eles, pois os portugueses estavam no encalço dos neerlandeses. Apenas menos de dez índios embarcaram, dentre eles Pedro Poty, que deveria ter 10 ou 11 anos. Portanto Poty deve ter nascido entre 1614 e 1615.

Na Holanda o jovem Poty conheceu várias cidades, aprendeu a ler e escrever em neerlandês e se converteu à Religião Reformada. A cidade em que passou mais tempo foi Leiden, tudo pago pela Companhia das Índias Ocidentais, aliás seu tutor deve ter sido Johannes de Laet, diretor da companhia que morava em Lienden. Lá vários pilotos holandeses o procuram para saber de informações da costa do Brasil. Essas informações chegaram à Companhia que dirigiu-se ao Príncipe de Orange-Nassau com o objetivo de nova conquista no Brasil, desta feita em Pernambuco, isto em 1628.

Poty volta ao Brasil dois anos depois (provavelmente aos 15 ou 16 anos), uns seis meses depois da tomada de Recife provavelmente na frota de Hendrick Lonck, pois este recebera como instrução complementar a conquista da Paraíba. A missão de Poty para o holandeses era de servir como uma espécie de diplomata, além de traduzir o tupi e o holandês arrebanhar os índios para o lado holandês, coisa que fez muito bem já que dois quintos dos tupis nordestinos eram fiéis à sua posterior liderança durante a Batalha dos Guararapes.

Porém talvez a primeira missão oficial de Poty na Conquista Holandesa do Nordeste do Brasil tenha sido no Ceará, com Elbert Smient em 13 de outubro de 1631. Em servir como intermediário nas conversações com os tapuias das capitâneas do Ceará e Rio Grande junto com Gaspar Paraupaba, índio potiguara do Ceará, que também era

um dos que foram à Holanda. O Rio Grande interessava à Companhia por causa de suas ricas salinas e o Ceará pelas minas de prata.

Poty viveu na aldeia de Massurepe onde era capitão, lá liderava 198 guerreiros potiguaras. Nesta aldeia o inglês Thomas Kemp foi o professor reformado no tempo de Poty e Davi à Doreslaer o pastor responsável. Mas dos ministros reformados holandeses em que Poty mais se apegou sem dúvida foi a Johannes Eduardus, foi este o missionário que traduziu as famosas “cartas tapuais” do tupi para o neerlandês em 1646.

Outra missão importante que Poty participou foi a tomada do forte Santa Catarina em Cabedelo na Paraíba em 1637 na frota de Van Schoppe, lutando ao lado de Antônio Paraupaba e Maurício de Nassau. Participou do culto de Ação de Graças realizado pelo pastor Samuel Folkerus, o primeiro da Paraíba. Momento que deve ter sido marcante para ele, já que era paraibano. Outro momento marcante na vida de Poty foi sua participação na primeira Ceia do Senhor onde participou brasileiros, esta Ceia foi realizada em 1640, em sua aldeia, Massurepe, que índios de outras aldeias também participaram, Thomas Kemp, deve ter sido o ministro protestante que celebrou esta Ceia do Senhor. A vida de Poty parece se confundir com os primórdios do protestantismo brasileiro.

Ele deve ter participado da Conquista de Luanda na Angola, pois os índios brasileiros ou brasilianos foram junto com os Holandeses, e já que era capitão, deveria estar com seus guerreiros. Na verdade acredito que foi justamente a mostra de suas habilidades como guerreiro e líder militar, aliado à sua habilidade de “diplomata” que já demonstrara no Brasil que fizeram com que fosse eleito regedor-mor dos índios da Paraíba, na Assembléia Indígena de 1645. Aos 30 anos, Pedro Poty já era uma unanimidade entre os índios aliados aos holandeses no Brasil.

Pouco se sabe da vida de Poty fora dos campos de batalha e das suas verdadeiras “audiências diplomáticas”. Como cristão protestante convicto deveria participar de todos os cultos protestantes, como fora criado na Holanda deveria apreciar arte, ler, principalmente a Bíblia, deveria ser uma de suas ocupações diárias, também deveria apreciar pintura e música. Mas como o Brasil Holandês era um país conflituoso, mesmo no período nassoviano, não deveria ter muito tempo para isso, com os holandeses ele aprendeu também maus hábitos, na verdade o pior de seus pecados que os próprios holandeses consideravam, o da bebedeira, mesmo sendo um cristão reformado, Poty era conhecido por suas recaídas alcoólicas, mas isso não fazia dele um bêbado descontrolado, só um homem fraco para a bebida, lembrando que os índios não

conheciam a bebida com forte teor de álcool. Não sabemos se ele casou, não há documentação que fala sobre isso, mas como Poty fora capturado pelos portugueses na Segunda Batalha dos Guararapes, sua esposa deveria receber uma pensão, e sendo esposa de Pedro Poty ela deveria ser muito conhecida, como não aparece documentação até agora encontrada que prove isso, podemos afirmar que ele era solteiro.

O período em que mais sabemos de sua vida foi durante a Insurreição Pernambucana, onde liderou seus potiguaras contra os portugueses. Durante esse período trocou várias cartas com Felipe Camarão, seu primo, afim de convencê-lo a desistir de lutar pelos portugueses e sim lutar ao lado dos holandeses, que considerava os libertadores dos índios do Brasil. Dessas cartas apenas uma de cada se salvou, a sua foi produzida em 31 de outubro de 1645, dia da Reforma Protestante, provavelmente de propósito. Neste valioso documento Poty mostra toda a sua fé na Religião Reformada e em um Brasil formado por índios e holandeses, além de todo o seu ódio aos portugueses.

Poty foi o primeiro protestante brasileiro a sofrer torturas para renegar sua fé. Quando foi capturado foi levado para o Cabo de Santo Agostinho em Pernambuco onde sofreu torturas durante seis meses para renegar sua fé pelos jesuítas, coisa que não o fez.

## **ANTÔNIO PARAUPABA E A MARCHA DOS 4000**

Assim como Pedro Poty, Antônio Paraupaba também embarcou na frota de Boudewyn Hendricksz em 1625, recebeu a mesma educação de Pedro e também se converteu a mesma fé reformada que Pedro. Também retorna ao Brasil junto com o irmão e amigo potiguar. Paraupaba tinha função semelhante a Poty no Brasil, mas aqui quero destacar apenas os últimos anos de sua vida.

Durante a Assembléia os Índios realizada em 30/03/1645 em Itapecerica, Paraupaba foi eleito regedor-mor do Rio Grande, ao lado de Pedro Poty, da Paraíba e Domingos Fernandes Carapeba de Itamaracá e Pernambuco. Paraupaba desenvolveu missões importantes para o governo holandês, principalmente junto aos potiguaras do Ceará, terra de seu pai Gaspar, e os janduís do Rio Grande, os recrutando ao lado holandês.

Mas sua vida ficou marcada por ter produzido dois importantíssimos documentos e por ter liderado uma marcha épica pelos sertões nordestinos, conduzindo

Revista Historiar, ano II, n. I (2010)

cerca de 4000 índios por mais de 750 km de Pernambuco até a atual Viçosa do Ceará. Estes eram índios tapuias (aliados políticos dos holandeses) e potiguaras (índios convertidos a fé reformada) de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande e Itamaracá depois da capitulação de Taborda de 26/02/1654, pois não acreditava no perdão português, pelo visto nem ele, e nem estes 4000 índios.

A viagem teve ter durado cerca de um ou dois meses, pois em Agosto deste mesmo ano ele já estava na Holanda informado aos Estados Gerais a situação destes índios e pedindo ajuda para a sobrevivência dos mesmos. E o seu pedido de ajuda é interessantíssimo pois o argumento usado por Paraupaba para convencer os Estados Gerais Holandeses que era obrigação deste ajudar aqueles índios é que aqueles eram súditos holandeses e não do rei de Portugal e eram seus irmãos de fé, membros convertidos da Igreja Reformada Holandesa.

Podemos perceber como a união Estado/Igreja era forte no século XVII estes índios não eram apenas súditos holandeses, mas membros da Igreja Reformada Holandesa, isso tornava-os juridicamente iguais a qualquer holandês, e se examinarmos apenas um documento religioso, o Catecismo de Heidelberg, o oficial da Igreja Reformada Holandesa e usado no Brasil para o evangelismo, percebe-se na pergunta 54 do domingo 21, que diz “O que você crê sobre ‘a santa igreja universal de Cristo?’” esta resposta: “Creio que o Filho de Deus reúne, protege e conserva, dentre todo o gênero humano, sua comunidade, eleita para a vida eterna. Isto Ele fez por seu Espírito e sua Palavra, na unidade da verdadeira fé, desde o princípio do mundo até o fim. Creio que sou membro vivo dessa igreja, agora e para sempre.”

A frase *dentre todo gênero humano* pode ser lida como qualquer povo, raça ou etnia e a frase *creio que sou membro dessa igreja, agora e para sempre* pode ser lida como sou de igual importância que qualquer outro membro. Assim pelo próprio documento eclesiástico, se um índio brasileiro fosse membro da Igreja Reformada Holandesa, ele seria igual a qualquer protestante holandês, tendo os mesmos direitos e deveres, e como a Igreja era unida ao Estado, este também era um súdito holandês com os mesmos direitos e deveres que qualquer holandês. Paraupaba sabia disso, por isso usou tal argumentação.

Ele também sabia que com a Restauração aqueles índios eram duplamente criminosos, pois já que todas as terras do Brasil passaram novamente para o rei de Portugal, estes índios já não tinham, juridicamente falando terra nenhuma e por terem lutado ao lado dos holandeses eram inimigos do Estado Português (do rei) e por serem

protestantes, inimigos da religião do Estado, portanto duplamente criminosos, hereges e traidores para Portugal.

Paraupaba morreu no inverno de 1657 na Holanda, sua esposa Paulina recebeu uma pensão vitalícia dos Estados Gerais, o que aconteceu com ela e seus filhos não se sabe. Mas sabemos muito bem o que aconteceu com aqueles 4000 índios e é o que veremos no próximo ponto.

### **“A GENEBRA DOS SERTÕES”, OS ÍNDIOS PROTESTANTES DA SERRA DA IBIAPABA**

Vieira começa seu relato falando dos Tabajaras, que antes amigos dos portugueses, passaram a ser amigos dos holandeses e que se tornaram “mais feras depois que vierão ajuntar com ellas outras estranhas e de mais refinado veneno, que forão os fugitivos de Pernambuco.”(VIEIRA, 1904: 92)

Este refinado veneno, a teologia reformada, prova que estes índios eram maduros em sua fé, como veremos ao analisar posteriormente o relato de Vieira. E já que eram maduros na fé é muito difícil de acreditar que desejassem a morte de seus irmãos de fé holandeses, já que não se fazia distinção entre etnia e religião no Brasil Holandês e também por que acreditavam que pertenciam a uma igreja universal, o Próprio Corpo de Cristo, que tanto eles como os holandeses também eram membros. Em seu relato Vieira diz que:

“Com a chegada destes novos hospedes ficou Ibiapaba verdadeiramente a Genebra de todos os sertões do Brazil por que muitos dos Índios de Pernambuco forão nascidos e creados entre os Hollandezes, sem outro exemplo nem conhecimento da verdadeira religião. Os outros militavão debaixo de suas bandeiras com disciplina de seus regimentos que pela maior parte são formados da gente mais corrupta de todas as nações da Europa.” (VIEIRA, 1904: 93)

Deixando bem claro que existiam dois tipos de índios que vieram de Pernambuco, os potiguaras, os que eram convertidos a fé reformada, e os tapuias apenas aliados políticos dos holandeses.

O que é de mais se admirar nesses índios era sua cultura material, Vieira relata que sabiam ler e escrever e traziam consigo alguns livros, provavelmente uma

Bíblia, o catecismo de Heildelberg e o Católico Reformado de William Perkins. Aliás essa cultura letrada era financiada pela Companhia das Índias Ocidentais com a manutenção de escolas e mestres-escolas para cada aldeia e está no catecismo de Heildelberg a manutenção de escolas “as escolas cristãs devem ser mantidas” diz o catecismo. Saber ler a Bíblia é fundamental para a religião reformada, é parte integrante da prática religiosa protestante ler a Bíblia, é através dela que se sabe como o fiel pode agradar a Deus, o mesmo catecismo diz: “A verdadeira fé é o conhecimento e a certeza de que é verdade tudo o que Deus nos revelou em sua Palavra.”

Além dos livros os índios também tinham, segundo Vieira cartas escritas em papel veneziano, seladas com lacre da Índia, roupas de grã e seda que ganharam dos holandeses. O estudo da cultura material destes índios seria realmente fascinante, mas este não é o nosso objetivo aqui. Nos interessa a convicção religiosa destes índios.

A princípio eles não acreditavam muito nos padres, achando que eles eram espíões dos portugueses, prenderam até um na serra, o padre Pedro Pedrosa, e segundo Vieira era os de Pernambuco que os “envenenavam”. A missão teve certo sucesso, alguns que se casaram no rito protestante se converteram a fé católica, mas parece que a maioria dos protestantes permaneceram fiéis a sua fé até o fim. E o mais incrível é que os índios desenvolveram a mesma mentalidade em relação a Ibiapaba que os protestantes europeus em relação à América: um refúgio. Paraupaba disse que: “Sendo por isso o supp. enviado a V. Exas. Por aquella Nação que se refugiou com mulheres e crianças em Cambressive, no sertão alem do Ceará, afim de escapar aos ferozes massacres dos Portuguezes”( MAIOR, 1912: 76).

O padre relatou pelo menos duas das respostas de cartas que enviou aos índios, as quais transcrevo aqui:

Eis aqui como era verdade e que até agora todos cuidávamos; e como os Padres não tiveram nunca outro intento se não de nos arrancar de nossas terras para nos fazerem escravos de seus parentes, os brancos.” (VIEIRA, 1904:117) Ou seja os portugueses, mais uma vez percebemos a ligação etnia/religião, estes não podem ser os holandeses, pois não escravizaram os índios e lê-se nas Atas da Igreja Reformada Holandesa no Brasil que liberdade dos índios não podia ser molestada. “Deve-se ordenar por edital que nenhum habitante retenha qualquer índio

contra sua vontade e que o deixe ir para a aldeia onde morava.  
( CRESPIN 2007:157)

A outra diz: “Se por sermos vassallos de El-Rey, quereis que vamos para o Maranhão, estas terras também são de El-Rey; e se por sermos Christãos, filhos de Deus, Deus está em toda parte.” (VIEIRA, 1904: 117) Para pessoas que não confiavam nos portugueses, dos quais acabam de afirmar que só queria escravizá-los, esta frase é cheia de confiança, confiança e obediência, pois aprenderam com os mestres-escolas holandeses a não temer os poderes dos governantes, pois estes foram instituídos por Deus e só fazem o que Deus permite e também a confiarem que o seu Deus sempre os protegeria, e mesmo que morressem, como Poty, sua recompensa era o céu. No catecismo de Heildelberg lê-se sobre as autoridades isto: “Devo prestar toda honra, amor e fidelidade a meu pai e mãe e todos os meus superiores; devo submeter-me à sua boa instrução e disciplina com a devida obediência, e também ter paciência com seus defeitos; porque Deus nos quer governar pelas mãos deles.” E sobre a confiança em Deus:

Para que tenhamos paciência em toda adversidade e mostremos gratidão em toda prosperidade e para que, quanto ao futuro, tenhamos a firme confiança em nosso fiel Deus e Pai, de que criatura alguma nos pode separar do amor dEle. Porque todas as criaturas estão na mão de Deus, de tal maneira que sem a vontade dEle não podem agir e nem se mover. .”(CATECISMO DE HEIDELBERG, 2005: 60)

Além de toda essa demonstração de confiança e obediência as próprias convicções, estes índios demonstravam também grande conhecimento doutrinário reformado. Vieira continua seu relato informando que:

Na veneração dos templos, das imagens, das cruzes, dos sacerdotes, e dos sacramentos, estão muitos delles tão Calvinistas e Lutheranos como se nascerão em Inglaterra ou Allemanha. Estes chamão á Igreja , *igreja de moanga*, que quer dizer, *igreja falsa*; e da doutrina *morandubas dos Aborés*, que

quer dizer *patranhas dos padres*; e faziam taes escarucos e zombarias dos que acudiam á Igreja a ouvir a doutrina que muitos a deixarão por esta causa. (VIEIRA, 1904: 121)

Esse comportamento se explica pelo documento que estou usando para entender a mentalidade destes protestantes, o catecismo de Heildelberg, que diz sobre a missa do papa:

A missa, porém, ensina que Cristo deve ser sacrificado todo dia, pelos sacerdotes na missa, em favor dos vivos e dos mortos, e que estes, sem a missa, não tem perdão dos pecados pelo sofrimento de Cristo; e também que Cristo está corporalmente presente sob a forma de pão e vinho e, por isso, neles deve ser adorado. A missa, então, no fundo, não é outra coisa senão a negação do único sacrifício e sofrimento de Cristo e uma idolatria abominável. .”(CATECISMO DE HEIDELBERG, 2005: 63)

Como protestantes que eram só reconheciam dois sacramentos, o batismo e a Ceia do Senhor, e nesta o pão e o vinho não viram o corpo e sangue de Cristo. E a prova de seus conhecimentos teológicos vem do que o padre jesuíta registrou a opinião de um destes em relação a missa católica. “Um disse, que de nenhuma cousa lhe pesava mais, que ser Christão, e ter recebido o batismo.” (VIEIRA, 1904: 121)

Para ter esse conhecimento sobre o batismo no catecismo de Heildelberg, eram necessários 26 domingos, isso significa que no mínimo receberam cinco meses de doutrina protestante, ou seja muito conhecimento reformado. Sobre “O sacramento da Confissão he o de que mais fugião, e mais abominavão; e tambem havia entre elles quem lhes pregasse que a confissão se havia de fazer só á Deus, e não aos homens.”(VIEIRA, 1904: 121) Não precisa nem comentar que se trata da doutrina do sacerdócio universal. O catecismo dizia que só Jesus era o mediador entre Deus e os homens.

Em seu relato vemos que os protestantes participaram de uma celebração da Semana Santa em uma igreja católica, mas acredito que isto foi mais por estratégia de sobrevivência do que de abandono da fé, pois segundo o padre sua devoção se acabava quando começava a doutrina, ou seja a missa. Na verdade muitos deles permaneceram firmes na sua fé até o fim “... e os da Serra sem o exemplo e doutrina dos



Pernambucanos, que erão os seus maiores dogmatistas...”(VIERA, 1904: 137) Para o jesuíta ficariam bem mais fácil de catequizar. Foram levados ao Maranhão e muitas famílias conservaram noções Calvinistas por gerações. (SCHALKWIJK 2004:262).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a História desses índios além de ser muito revelador para os estudos sobre o protestantismo brasileiro, que é muito mais antigo que o protestantismo de missão e imigração do século XIX é perceber o quanto eles contribuíram para a governabilidade holandesa e assim notar que os índios protestantes tiveram um papel crucial na permanência holandesa no Brasil.

O fato de serem protestantes contribuiu e muito para a sua lealdade para com os holandeses, mas ainda muito pouco se sabe sobre esta igreja no Brasil, este artigo é apenas o início de uma longa jornada sobre o assunto, que espero cativar aos colegas historiadores.

## FONTES IMPRESSAS

BUNYAN. John. **O peregrino**. Martin Claret. São Paulo, 2004.

CATECISMO DE HEILDELBERG. Cultura Cristã. São Paulo. 2005.

CÂNONES DE DORT. Cultura Cristã. São Paulo.2005

CONFISSÃO DE FÉ NEERLANDESA.Cultura Cristã. São Paulo.2005

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMISTER.Cultura Cristã. São Paulo. 2008

CRESPIN, Jean. **A tragédia da Guanabara**. Cultura Cristã, São Paulo 2007.

LUTERO, Martinho. **Do cativo babilônico da Igreja**. Martin Claret. São Paulo. 2006.

LÉRY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil**. Livraria Martins Editora, São Paulo. 4º Ed. 1967.

Maior. Pedro Souto. **A missão de Antônio Paraupaba ante o governo holandez**. Revista do Instituto de Ceará, Fortaleza, 1912, Pág 72 – 82

\_\_\_\_\_. **Duos índios notáveis e parentes próximos**. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, 1912, pág 61 – 71

\_\_\_\_\_. **Atas dos Sínodos e Classes do Brasil no século XVII durante o domínio holandês**. In: A tragédia da Guanabara. Cultura Cristã. São Paulo, 2007

SCHALKWIJK. Frans Leonard. **O Brasil na Correspondência de Calvino**. Revista Fides Reformata. Vol.10.nº1.São Paulo.2004.p101-128.

VIEIRA. Padre Antônio. **Relação da missão da Serra da Ibiapaba**. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, 1904 Pag. 86 – 138

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira, história, espaços e identidade regional**. 1ª Edição. Recife – PE. Edições Bagaço. 2008

BARROS, José D'Assunção Barros. **História, região e espacialidade** In Revista de História Regional 10(1): 95 – 129, Verão, 2005.

BOXER, Charles R. **O império marítimo português 1415 – 1825**. Companhia das Letras. São Paulo 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil, mito fundador e sociedade autoritária**. 1ª Edição. Editora fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2000.

DAVIES, Natalie Zemon. **Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna**. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1990.

DE CERTAU, Michel. **A Cultura no Plural**. 5ª E. Papyrus. Campinas. 1995

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil In: Construtores do Brasil**. Nova Cultural, São Paulo, 2000.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 5ª Edição. São Paulo – SP. Martins Fontes. 2005

MAIA, Lígio de Oliveira. **O estatuto da chefia indígena nas Serras da Ibiapaba, leituras e leitores na Experiência Colonial (século XVII)** In Documentos, Revista do Arquivo Público do Estado do Ceará, nº3. Fortaleza, 2006

MELLO. Evaldo Cabral de. **Rubro veio, o imaginário da restauração pernambucana**. Topbooks. 2ªEd. Rio de Janeiro. 1997

MEUWESE, Marcus P. **“For the Peace and Well-being of the Country”:** **Intercultural Mediators and Dutch-Indian Relations in New Neatherland and Dutch Brazil, 1600- 1664**. Tese de Doutorado defendida na University of Notre Dame, Notre Dame, Indiana, Setembro de 2003. Disponível em: <http://etd.nd.edu/ETD-db/theses/available/etd09272003005338/unrestricted/MeuweseMP092003.pdf> Acessado em 24/01/2007

RIBAS, Maria Aparecida de Araújo Barreto. **O leme espiritual do navio mercante: A missão calvinista no Brasil Holandês (1630 – 1645)**. Tese de Doutorado Revista Historiar, ano II, n. I (2010)

defendida na Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, Agosto de 2007.  
Disponível em: [http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2194](http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2194)  
Acessado em 25/01/2009.

SCHALWIJK, Frans Leronard. **Igreja e Estado no Brasil Holandês (1630 – 1654)**. 3ª  
Edição. São Paulo. Cultura Cristã 2004.